



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

A MULHER NA SOCIEDADE PORTUGUESA DURANTE O SALAZARISMO E SEU REFLEXO NOS POEMAS DO LIVRO *MINHA SENHORA DE MIM* DE MARIA TERESA HORTA

Rosiane Eufrazio Machado (UFAM)¹
Rita Barbosa de Oliveira (UFAM)²

RESUMO: O seguinte artigo propõe-se a analisar os poemas do livro *Minha senhora de mim* de Maria Teresa Horta, lançado em 1971, observando o modo como reflete a ditadura ocorrida em Portugal durante quarenta e um anos. Dá-se especial atenção ao modo como a autora trata, em seus poemas, da mulher, do corpo e das relações sexuais, instaurando um comportamento adverso ao pregado pelo regime, que visava à adoção de certas condutas que garantiriam a ordem no Estado.

PALAVRAS-CHAVES: Maria Teresa Horta; salazarismo; liberdade; *Minha senhora de mim*; corpo.

ABSTRACT: The following article is proposed to analyze the poems of the book *Minha Senhora de Mim* from Maria Teresa Horta, released in 1971, observing the way how dictatorship reflects during forty one years. It gives special attention to the way how the author in your poems deal with woman, body and sexual relationship, installing an adverse behavior to the preached in the regime, that aimed the adoption of certain ducts that would guarantee the order in State.

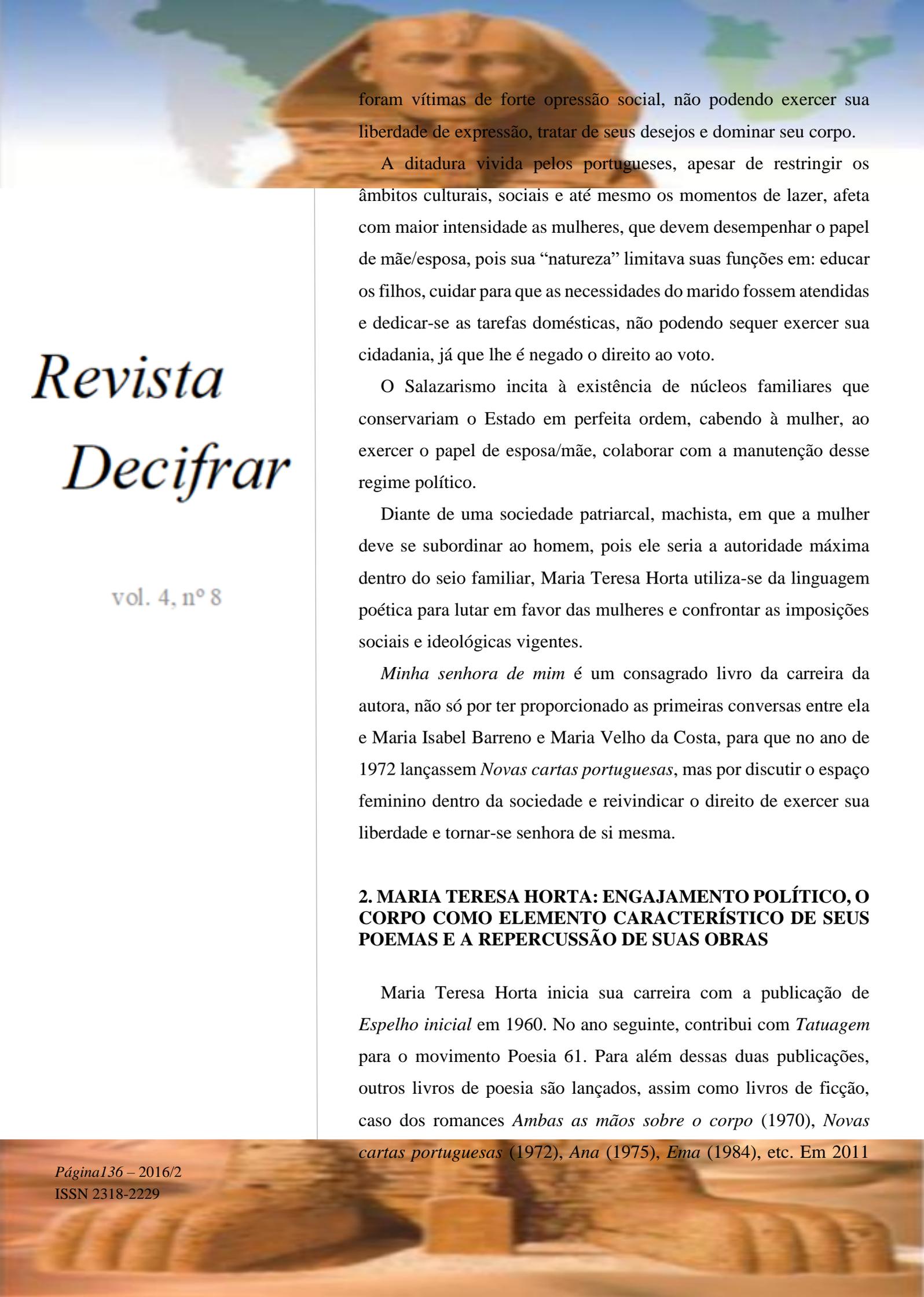
KEYWORDS: Maria Teresa Horta; salazarism; freedom; *Minha senhora de mim*; body.

1. INTRODUÇÃO

Maria Teresa Mascarenhas Horta, nascida em 20 de maio de 1937, na cidade de Lisboa, hoje com idade de 79 anos, escritora, poeta e jornalista, tem sua escrita marcada pela contestação e pela luta em prol das mulheres, que durante os anos da ditadura instituída por António Oliveira Salazar,

¹ Discente do curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM; voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC; integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa - GEPELIP.

² Doutora em Letras pela PUC-Rio. Professora do curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa e do Programa de Pós-graduação em Letras na UFAM. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP.



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

foram vítimas de forte opressão social, não podendo exercer sua liberdade de expressão, tratar de seus desejos e dominar seu corpo.

A ditadura vivida pelos portugueses, apesar de restringir os âmbitos culturais, sociais e até mesmo os momentos de lazer, afeta com maior intensidade as mulheres, que devem desempenhar o papel de mãe/esposa, pois sua “natureza” limitava suas funções em: educar os filhos, cuidar para que as necessidades do marido fossem atendidas e dedicar-se as tarefas domésticas, não podendo sequer exercer sua cidadania, já que lhe é negado o direito ao voto.

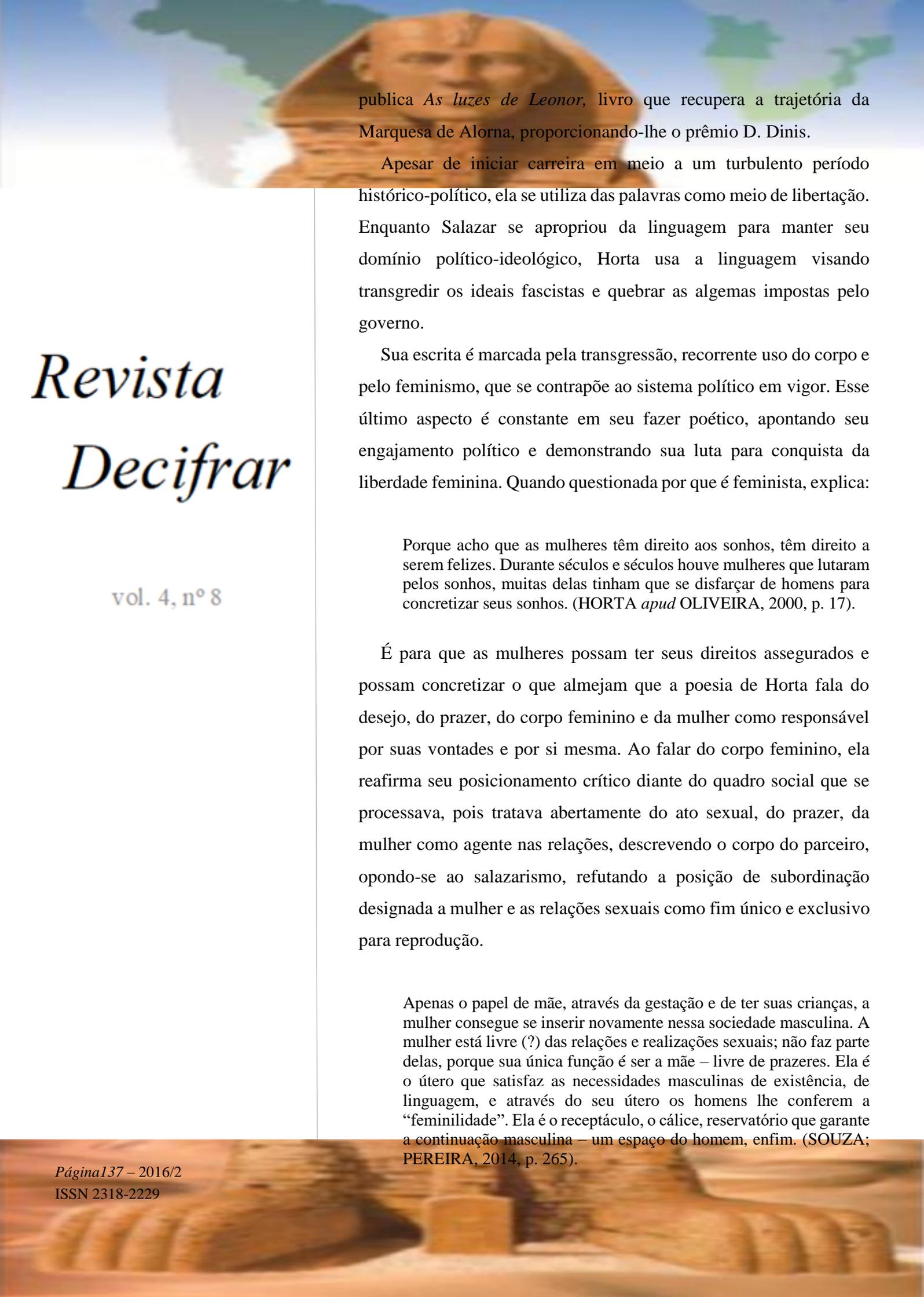
O Salazarismo incita à existência de núcleos familiares que conservariam o Estado em perfeita ordem, cabendo à mulher, ao exercer o papel de esposa/mãe, colaborar com a manutenção desse regime político.

Diante de uma sociedade patriarcal, machista, em que a mulher deve se subordinar ao homem, pois ele seria a autoridade máxima dentro do seio familiar, Maria Teresa Horta utiliza-se da linguagem poética para lutar em favor das mulheres e confrontar as imposições sociais e ideológicas vigentes.

Minha senhora de mim é um consagrado livro da carreira da autora, não só por ter proporcionado as primeiras conversas entre ela e Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, para que no ano de 1972 lançassem *Novas cartas portuguesas*, mas por discutir o espaço feminino dentro da sociedade e reivindicar o direito de exercer sua liberdade e tornar-se senhora de si mesma.

2. MARIA TERESA HORTA: ENGAJAMENTO POLÍTICO, O CORPO COMO ELEMENTO CARACTERÍSTICO DE SEUS POEMAS E A REPERCUSSÃO DE SUAS OBRAS

Maria Teresa Horta inicia sua carreira com a publicação de *Espelho inicial* em 1960. No ano seguinte, contribui com *Tatuagem* para o movimento Poesia 61. Para além dessas duas publicações, outros livros de poesia são lançados, assim como livros de ficção, caso dos romances *Ambas as mãos sobre o corpo* (1970), *Novas cartas portuguesas* (1972), *Ana* (1975), *Ema* (1984), etc. Em 2011



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

publica *As luzes de Leonor*, livro que recupera a trajetória da Marquesa de Alorna, proporcionando-lhe o prêmio D. Dinis.

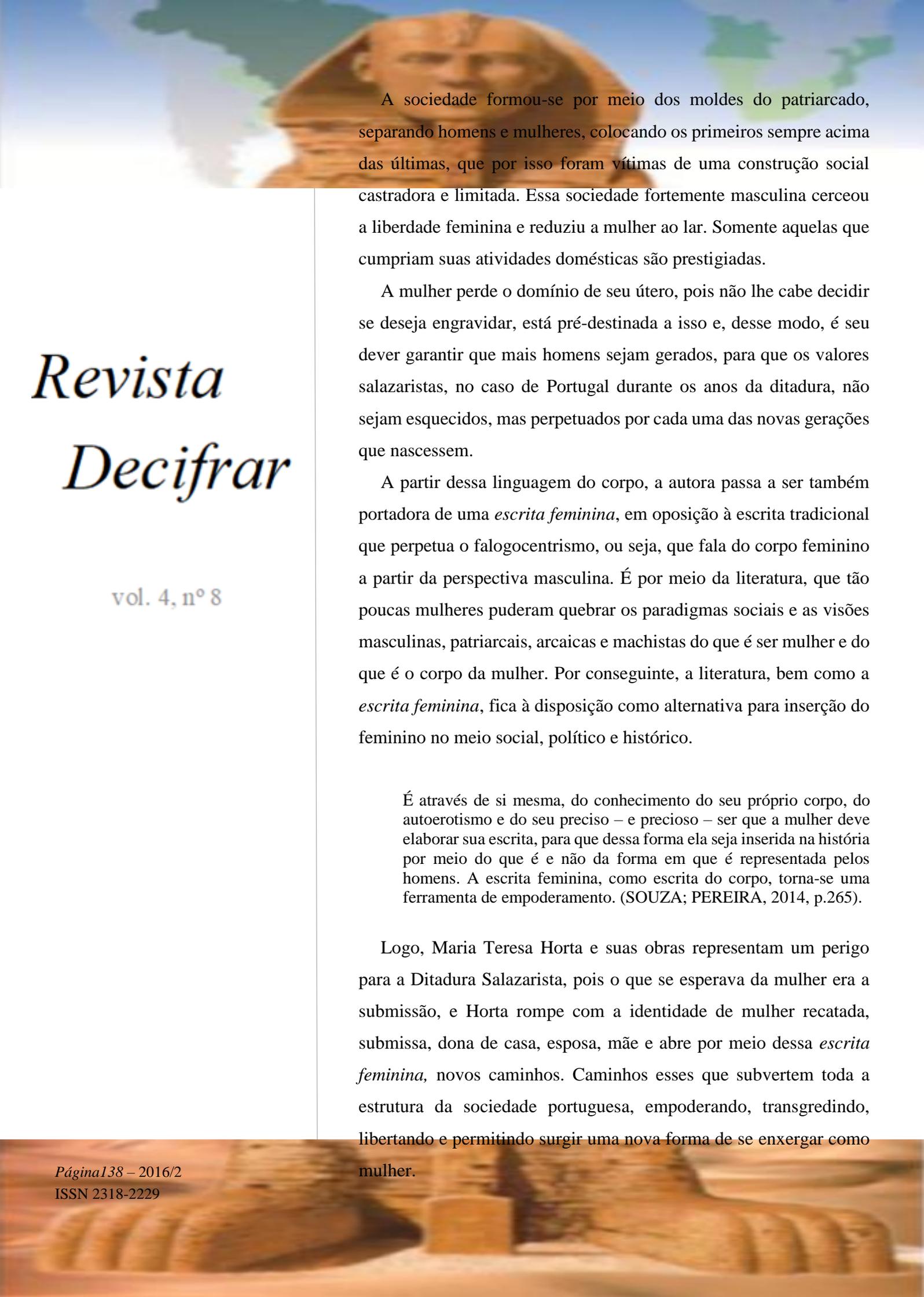
Apesar de iniciar carreira em meio a um turbulento período histórico-político, ela se utiliza das palavras como meio de libertação. Enquanto Salazar se apropriou da linguagem para manter seu domínio político-ideológico, Horta usa a linguagem visando transgredir os ideais fascistas e quebrar as algemas impostas pelo governo.

Sua escrita é marcada pela transgressão, recorrente uso do corpo e pelo feminismo, que se contrapõe ao sistema político em vigor. Esse último aspecto é constante em seu fazer poético, apontando seu engajamento político e demonstrando sua luta para conquista da liberdade feminina. Quando questionada por que é feminista, explica:

Porque acho que as mulheres têm direito aos sonhos, têm direito a serem felizes. Durante séculos e séculos houve mulheres que lutaram pelos sonhos, muitas delas tinham que se disfarçar de homens para concretizar seus sonhos. (HORTA *apud* OLIVEIRA, 2000, p. 17).

É para que as mulheres possam ter seus direitos assegurados e possam concretizar o que almejam que a poesia de Horta fala do desejo, do prazer, do corpo feminino e da mulher como responsável por suas vontades e por si mesma. Ao falar do corpo feminino, ela reafirma seu posicionamento crítico diante do quadro social que se processava, pois tratava abertamente do ato sexual, do prazer, da mulher como agente nas relações, descrevendo o corpo do parceiro, opondo-se ao salazarismo, refutando a posição de subordinação designada a mulher e as relações sexuais como fim único e exclusivo para reprodução.

Apenas o papel de mãe, através da gestação e de ter suas crianças, a mulher consegue se inserir novamente nessa sociedade masculina. A mulher está livre (?) das relações e realizações sexuais; não faz parte delas, porque sua única função é ser a mãe – livre de prazeres. Ela é o útero que satisfaz as necessidades masculinas de existência, de linguagem, e através do seu útero os homens lhe conferem a “feminilidade”. Ela é o receptáculo, o cálice, reservatório que garante a continuação masculina – um espaço do homem, enfim. (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 265).



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

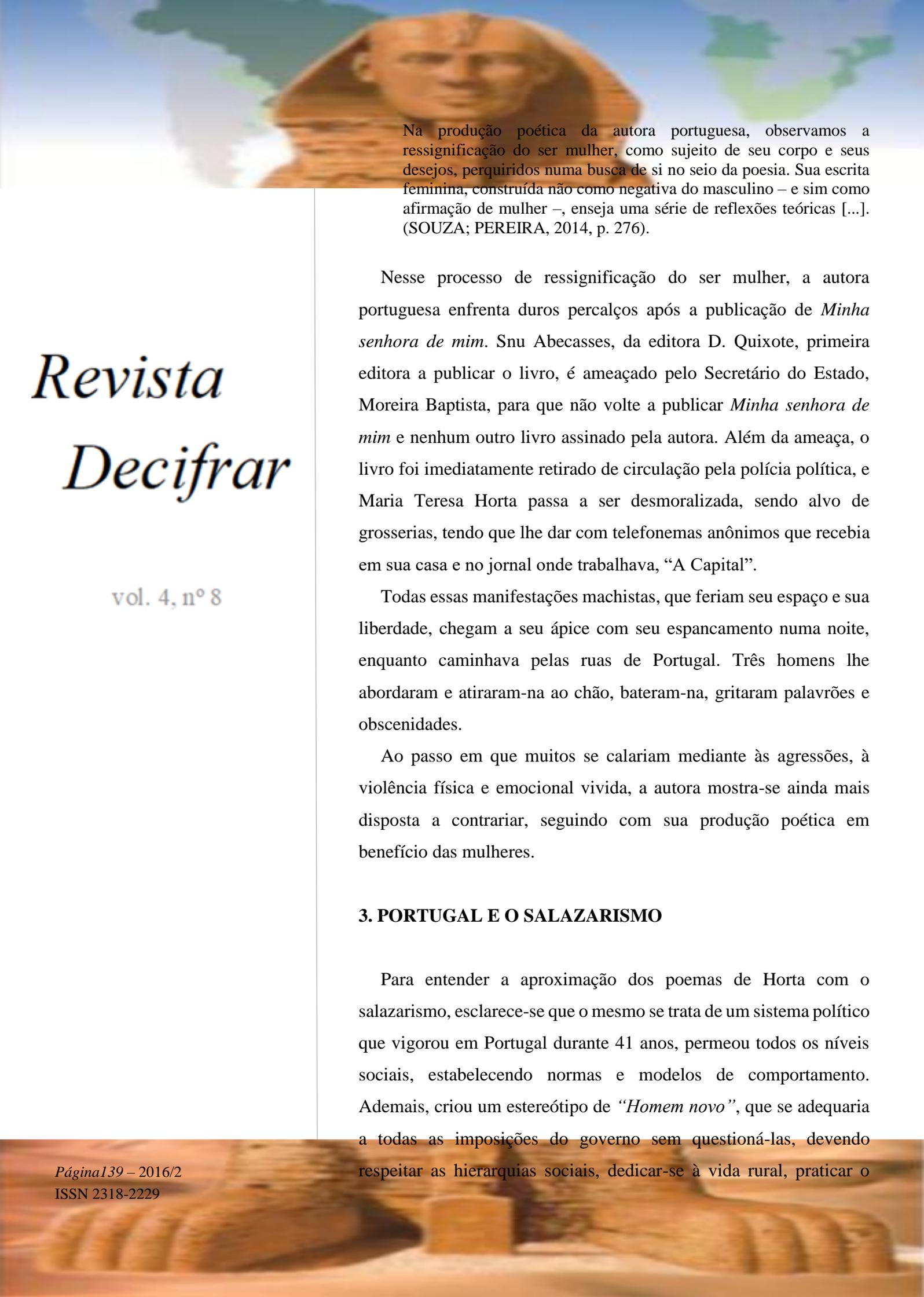
A sociedade formou-se por meio dos moldes do patriarcado, separando homens e mulheres, colocando os primeiros sempre acima das últimas, que por isso foram vítimas de uma construção social castradora e limitada. Essa sociedade fortemente masculina cerceou a liberdade feminina e reduziu a mulher ao lar. Somente aquelas que cumpriam suas atividades domésticas são prestigiadas.

A mulher perde o domínio de seu útero, pois não lhe cabe decidir se deseja engravidar, está pré-destinada a isso e, desse modo, é seu dever garantir que mais homens sejam gerados, para que os valores salazaristas, no caso de Portugal durante os anos da ditadura, não sejam esquecidos, mas perpetuados por cada uma das novas gerações que nascessem.

A partir dessa linguagem do corpo, a autora passa a ser também portadora de uma *escrita feminina*, em oposição à escrita tradicional que perpetua o falocentrismo, ou seja, que fala do corpo feminino a partir da perspectiva masculina. É por meio da literatura, que tão poucas mulheres puderam quebrar os paradigmas sociais e as visões masculinas, patriarcais, arcaicas e machistas do que é ser mulher e do que é o corpo da mulher. Por conseguinte, a literatura, bem como a *escrita feminina*, fica à disposição como alternativa para inserção do feminino no meio social, político e histórico.

É através de si mesma, do conhecimento do seu próprio corpo, do autoerotismo e do seu preciso – e precioso – ser que a mulher deve elaborar sua escrita, para que dessa forma ela seja inserida na história por meio do que é e não da forma em que é representada pelos homens. A escrita feminina, como escrita do corpo, torna-se uma ferramenta de empoderamento. (SOUZA; PEREIRA, 2014, p.265).

Logo, Maria Teresa Horta e suas obras representam um perigo para a Ditadura Salazarista, pois o que se esperava da mulher era a submissão, e Horta rompe com a identidade de mulher recatada, submissa, dona de casa, esposa, mãe e abre por meio dessa *escrita feminina*, novos caminhos. Caminhos esses que subvertem toda a estrutura da sociedade portuguesa, empoderando, transgredindo, libertando e permitindo surgir uma nova forma de se enxergar como mulher.



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Na produção poética da autora portuguesa, observamos a resignificação do ser mulher, como sujeito de seu corpo e seus desejos, perquiridos numa busca de si no seio da poesia. Sua escrita feminina, construída não como negativa do masculino – e sim como afirmação de mulher –, enseja uma série de reflexões teóricas [...]. (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 276).

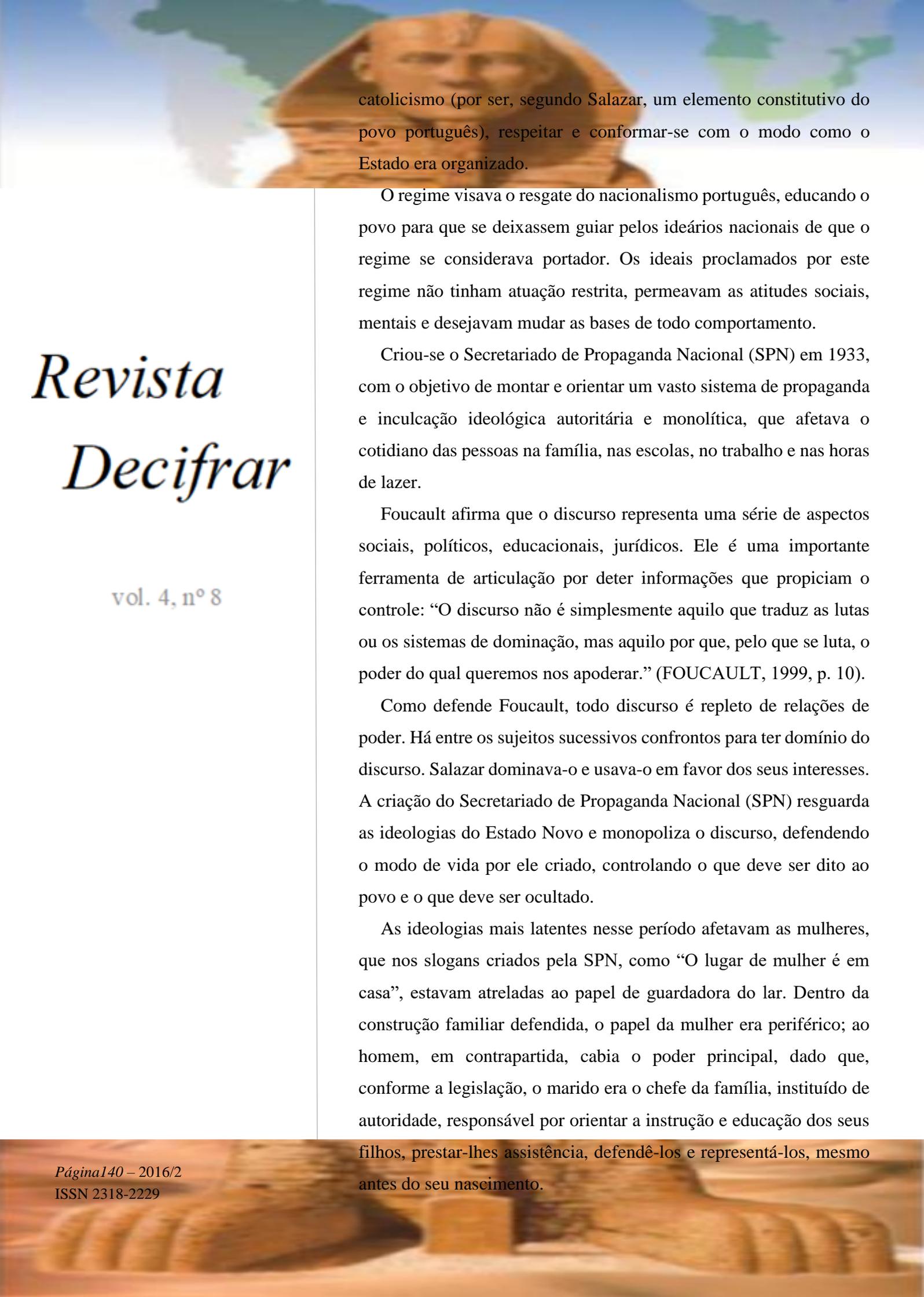
Nesse processo de resignificação do ser mulher, a autora portuguesa enfrenta duros percalços após a publicação de *Minha senhora de mim*. Snu Abecasses, da editora D. Quixote, primeira editora a publicar o livro, é ameaçado pelo Secretário do Estado, Moreira Baptista, para que não volte a publicar *Minha senhora de mim* e nenhum outro livro assinado pela autora. Além da ameaça, o livro foi imediatamente retirado de circulação pela polícia política, e Maria Teresa Horta passa a ser desmoralizada, sendo alvo de grosserias, tendo que lhe dar com telefonemas anônimos que recebia em sua casa e no jornal onde trabalhava, “A Capital”.

Todas essas manifestações machistas, que feriam seu espaço e sua liberdade, chegam a seu ápice com seu espancamento numa noite, enquanto caminhava pelas ruas de Portugal. Três homens lhe abordaram e atiraram-na ao chão, bateram-na, gritaram palavrões e obscenidades.

Ao passo em que muitos se calariam mediante às agressões, à violência física e emocional vivida, a autora mostra-se ainda mais disposta a contrariar, seguindo com sua produção poética em benefício das mulheres.

3. PORTUGAL E O SALAZARISMO

Para entender a aproximação dos poemas de Horta com o salazarismo, esclarece-se que o mesmo se trata de um sistema político que vigorou em Portugal durante 41 anos, permeou todos os níveis sociais, estabelecendo normas e modelos de comportamento. Ademais, criou um estereótipo de “*Homem novo*”, que se adequaria a todas as imposições do governo sem questioná-las, devendo respeitar as hierarquias sociais, dedicar-se à vida rural, praticar o



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

catolicismo (por ser, segundo Salazar, um elemento constitutivo do povo português), respeitar e conformar-se com o modo como o Estado era organizado.

O regime visava o resgate do nacionalismo português, educando o povo para que se deixassem guiar pelos ideários nacionais de que o regime se considerava portador. Os ideais proclamados por este regime não tinham atuação restrita, permeavam as atitudes sociais, mentais e desejavam mudar as bases de todo comportamento.

Criou-se o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) em 1933, com o objetivo de montar e orientar um vasto sistema de propaganda e inculcação ideológica autoritária e monolítica, que afetava o cotidiano das pessoas na família, nas escolas, no trabalho e nas horas de lazer.

Foucault afirma que o discurso representa uma série de aspectos sociais, políticos, educacionais, jurídicos. Ele é uma importante ferramenta de articulação por deter informações que propiciam o controle: “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar.” (FOUCAULT, 1999, p. 10).

Como defende Foucault, todo discurso é repleto de relações de poder. Há entre os sujeitos sucessivos confrontos para ter domínio do discurso. Salazar dominava-o e usava-o em favor dos seus interesses. A criação do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) resguarda as ideologias do Estado Novo e monopoliza o discurso, defendendo o modo de vida por ele criado, controlando o que deve ser dito ao povo e o que deve ser ocultado.

As ideologias mais latentes nesse período afetavam as mulheres, que nos slogans criados pela SPN, como “O lugar de mulher é em casa”, estavam atreladas ao papel de guardadora do lar. Dentro da construção familiar defendida, o papel da mulher era periférico; ao homem, em contrapartida, cabia o poder principal, dado que, conforme a legislação, o marido era o chefe da família, instituído de autoridade, responsável por orientar a instrução e educação dos seus filhos, prestar-lhes assistência, defendê-los e representá-los, mesmo antes do seu nascimento.



4. “MINHA SENHORA DE MIM” E “VIOLÊNCIA”, UM RETRATO DO SOCIAL

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Abre-se este tópico com uma breve consideração sobre o termo “eu lírico”. Apesar de ele ser do gênero masculino, adota-se neste artigo o termo no feminino, portanto, “eu lírica”. A escolha por usar a palavra no feminino, gerando uma ruptura com a gramática e seu emprego usual, faz-se necessária por dois motivos. Em primeiro lugar, todas as vozes que aparecem nos poemas de Horta são femininas. É a visão da mulher a respeito do que é desenvolvido nos versos que se sobressai. O segundo motivo é que usá-la irá tornar a compreensão dos poemas mais clara, pois ao leitor ficará em evidência a presença da mulher que fala, age e se desloca do círculo social sondado pela ditadura.

Feito esse comentário, segue-se com a proposta desse tópico, a análise de dois poemas que compõe a obra *corpus* deste artigo.

Opondo-se ao sistema vigente, a autora publica *Minha senhora de mim*, considerada “obra da viragem” em sua carreira, por instaurar um novo momento em sua trajetória como escritora e permitir, ainda que de forma contida, a formação de um novo momento na história das mulheres portuguesas.

Os poemas a serem analisados adiante contestam as ideologias que privavam a mulher de sua liberdade e tratam do ato sexual como atitude prazerosa, não somente como reprodução.

Abaixo o poema de abertura do livro.

Minha Senhora de Mim

Comigo me desavim
minha senhora
de mim

sem ser dor ou ser cansaço
nem o corpo que disfarço

Comigo me desavim
minha senhora
de mim

nunca dizendo comigo
o amigo nos meus braços



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Comigo me desavim
minha senhora
de mim

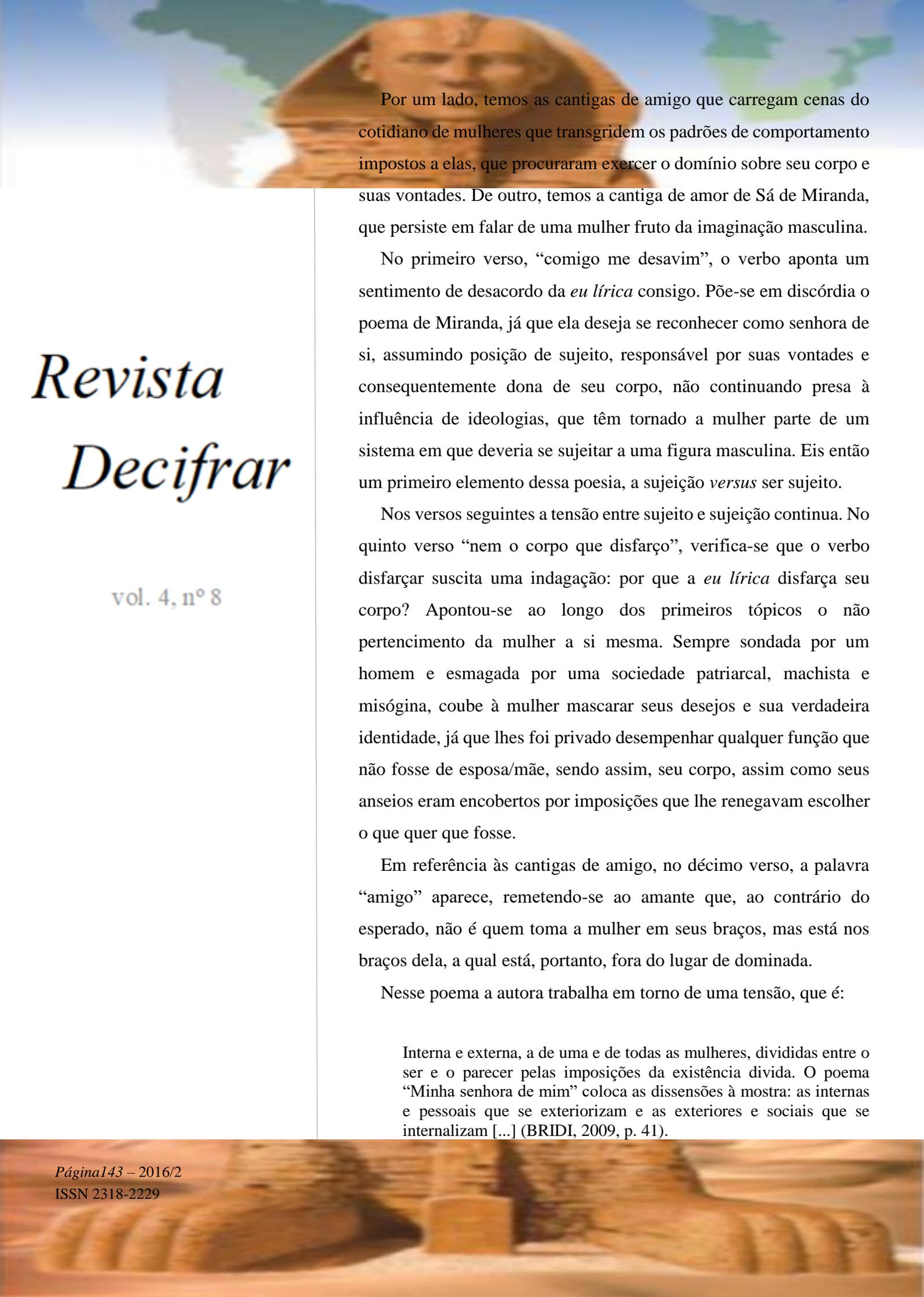
recusando o que é desfeito
no interior do meu peito
(HORTA, 1974, p.13)

Há no poema acima uma aproximação com as cantigas trovadorescas, parte da tradição medieval. Ao repetir os três versos iniciais “comigo me desavim/minha senhora/ de mim” ao longo de todo poema, a autora cria um refrão, que se assemelha à estrutura das cantigas.

O verso de abertura “comigo me desavim” dialoga com a cantiga de amor de Sá de Miranda, estabelecendo a relação entre o medieval e o novo. Essa relação fica clara, se pensado que essas cantigas resgatam o modelo de comportamento imposto à mulher no medievo, enquanto no século XX se busca conscientizar que a mulher tem o direito de escolher o modo de se relacionar com seu corpo.

Ao mesmo tempo, está implícita a alusão às cantigas de amigo, por haver nessas uma representação feminina que transgride os padrões de comportamento impostos às mulheres, já que na Idade Média muitos homens eram enviados por senhores feudais ou pelo próprio rei para missões, e as mulheres ficavam sozinhas, podendo desfrutar de sua emancipação. Horta, ao invés de usar explicitamente as cantigas de amigo para iniciar seu poema, opta por estabelecer uma relação de intertextualidade com a cantiga de amor de Sá de Miranda, que reproduz a imagem idealizada feminina, gerando um ruído nessa imagem.

O resgate da cantiga de amor de Sá é um modo de contestar um padrão de mulher que não as representava, além de um modelo de comportamento amoroso de passividade, porque se sabia o modo como os homens as imaginavam nas artes, mas não, de fato, quem eram essas mulheres, o que faziam, o que almejavam. Foi esse padrão que continuou sendo reafirmado na história e que Horta deseja combater.



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Por um lado, temos as cantigas de amigo que carregam cenas do cotidiano de mulheres que transgridem os padrões de comportamento impostos a elas, que procuraram exercer o domínio sobre seu corpo e suas vontades. De outro, temos a cantiga de amor de Sá de Miranda, que persiste em falar de uma mulher fruto da imaginação masculina.

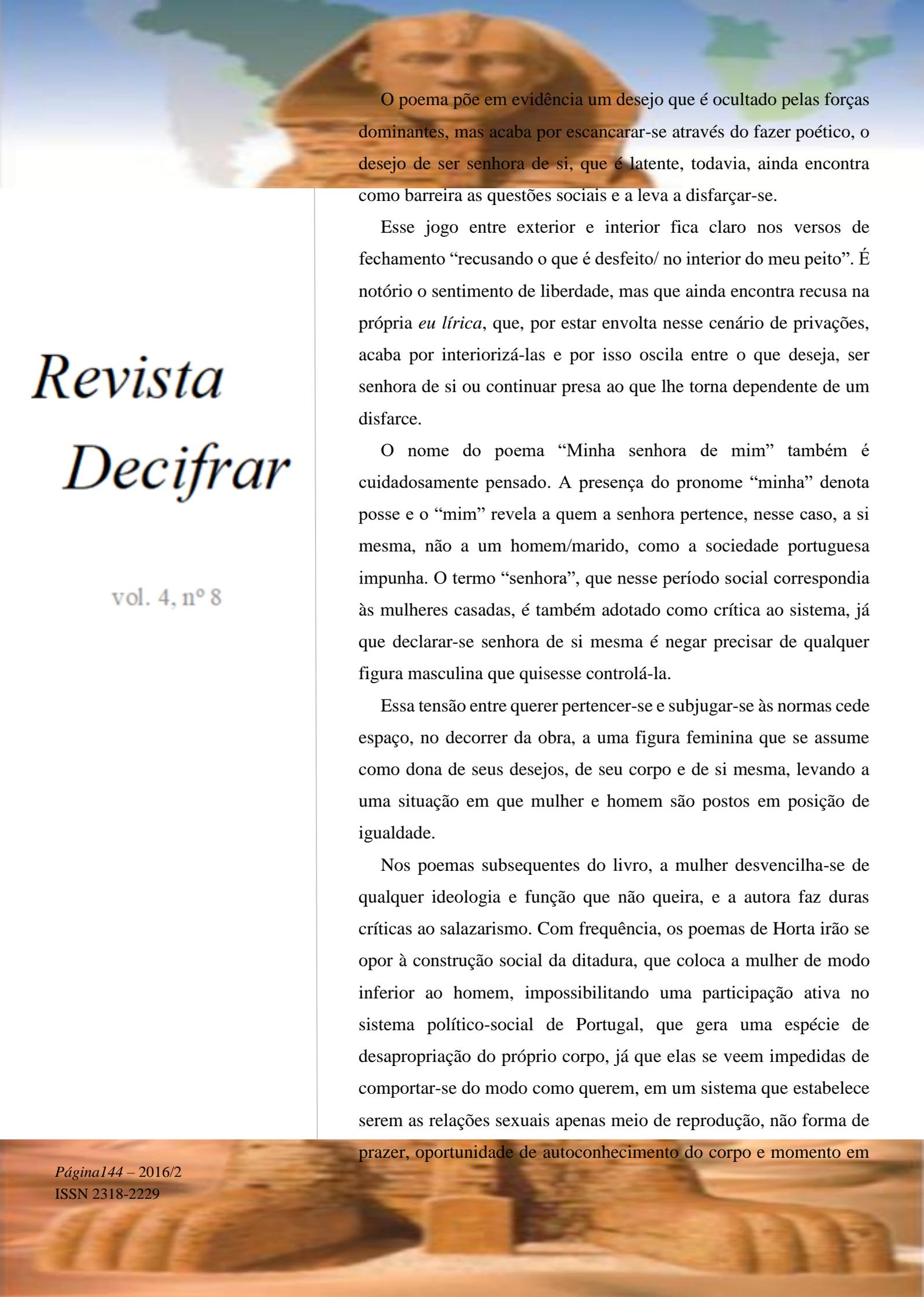
No primeiro verso, “comigo me desavim”, o verbo aponta um sentimento de desacordo da *eu lírica* consigo. Põe-se em discórdia o poema de Miranda, já que ela deseja se reconhecer como senhora de si, assumindo posição de sujeito, responsável por suas vontades e consequentemente dona de seu corpo, não continuando presa à influência de ideologias, que têm tornado a mulher parte de um sistema em que deveria se sujeitar a uma figura masculina. Eis então um primeiro elemento dessa poesia, a sujeição *versus* ser sujeito.

Nos versos seguintes a tensão entre sujeito e sujeição continua. No quinto verso “nem o corpo que disfarço”, verifica-se que o verbo disfarçar suscita uma indagação: por que a *eu lírica* disfarça seu corpo? Apontou-se ao longo dos primeiros tópicos o não pertencimento da mulher a si mesma. Sempre sondada por um homem e esmagada por uma sociedade patriarcal, machista e misógina, coube à mulher mascarar seus desejos e sua verdadeira identidade, já que lhes foi privado desempenhar qualquer função que não fosse de esposa/mãe, sendo assim, seu corpo, assim como seus anseios eram encobertos por imposições que lhe renegavam escolher o que quer que fosse.

Em referência às cantigas de amigo, no décimo verso, a palavra “amigo” aparece, remetendo-se ao amante que, ao contrário do esperado, não é quem toma a mulher em seus braços, mas está nos braços dela, a qual está, portanto, fora do lugar de dominada.

Nesse poema a autora trabalha em torno de uma tensão, que é:

Interna e externa, a de uma e de todas as mulheres, divididas entre o ser e o parecer pelas imposições da existência dividida. O poema “Minha senhora de mim” coloca as dissensões à mostra: as internas e pessoais que se exteriorizam e as exteriores e sociais que se internalizam [...] (BRIDI, 2009, p. 41).



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

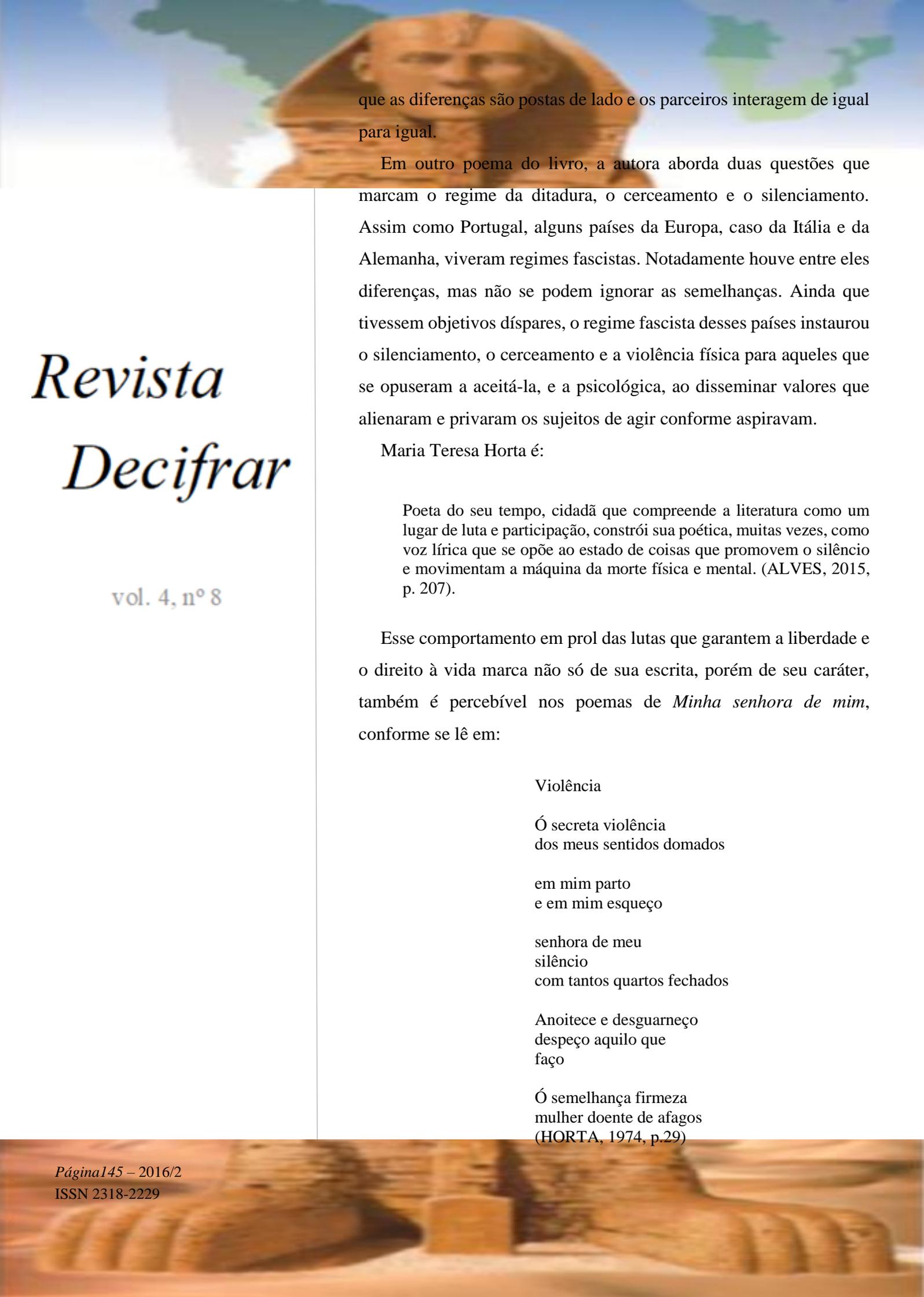
O poema põe em evidência um desejo que é ocultado pelas forças dominantes, mas acaba por escancarar-se através do fazer poético, o desejo de ser senhora de si, que é latente, todavia, ainda encontra como barreira as questões sociais e a leva a disfarçar-se.

Esse jogo entre exterior e interior fica claro nos versos de fechamento “recusando o que é desfeito/ no interior do meu peito”. É notório o sentimento de liberdade, mas que ainda encontra recusa na própria *eu lírica*, que, por estar envolta nesse cenário de privações, acaba por interiorizá-las e por isso oscila entre o que deseja, ser senhora de si ou continuar presa ao que lhe torna dependente de um disfarce.

O nome do poema “Minha senhora de mim” também é cuidadosamente pensado. A presença do pronome “minha” denota posse e o “mim” revela a quem a senhora pertence, nesse caso, a si mesma, não a um homem/marido, como a sociedade portuguesa impunha. O termo “senhora”, que nesse período social correspondia às mulheres casadas, é também adotado como crítica ao sistema, já que declarar-se senhora de si mesma é negar precisar de qualquer figura masculina que quisesse controlá-la.

Essa tensão entre querer pertencer-se e subjugar-se às normas cede espaço, no decorrer da obra, a uma figura feminina que se assume como dona de seus desejos, de seu corpo e de si mesma, levando a uma situação em que mulher e homem são postos em posição de igualdade.

Nos poemas subsequentes do livro, a mulher desvencilha-se de qualquer ideologia e função que não queira, e a autora faz duras críticas ao salazarismo. Com frequência, os poemas de Horta irão se opor à construção social da ditadura, que coloca a mulher de modo inferior ao homem, impossibilitando uma participação ativa no sistema político-social de Portugal, que gera uma espécie de desapropriação do próprio corpo, já que elas se veem impedidas de comportar-se do modo como querem, em um sistema que estabelece serem as relações sexuais apenas meio de reprodução, não forma de prazer, oportunidade de autoconhecimento do corpo e momento em



que as diferenças são postas de lado e os parceiros interagem de igual para igual.

Em outro poema do livro, a autora aborda duas questões que marcam o regime da ditadura, o cerceamento e o silenciamento. Assim como Portugal, alguns países da Europa, caso da Itália e da Alemanha, viveram regimes fascistas. Notadamente houve entre eles diferenças, mas não se podem ignorar as semelhanças. Ainda que tivessem objetivos díspares, o regime fascista desses países instaurou o silenciamento, o cerceamento e a violência física para aqueles que se opuseram a aceitá-la, e a psicológica, ao disseminar valores que alienaram e privaram os sujeitos de agir conforme aspiravam.

Maria Teresa Horta é:

Poeta do seu tempo, cidadã que compreende a literatura como um lugar de luta e participação, constrói sua poética, muitas vezes, como voz lírica que se opõe ao estado de coisas que promovem o silêncio e movimentam a máquina da morte física e mental. (ALVES, 2015, p. 207).

Esse comportamento em prol das lutas que garantem a liberdade e o direito à vida marca não só de sua escrita, porém de seu caráter, também é perceptível nos poemas de *Minha senhora de mim*, conforme se lê em:

Violência

Ó secreta violência
dos meus sentidos domados

em mim parto
e em mim esqueço

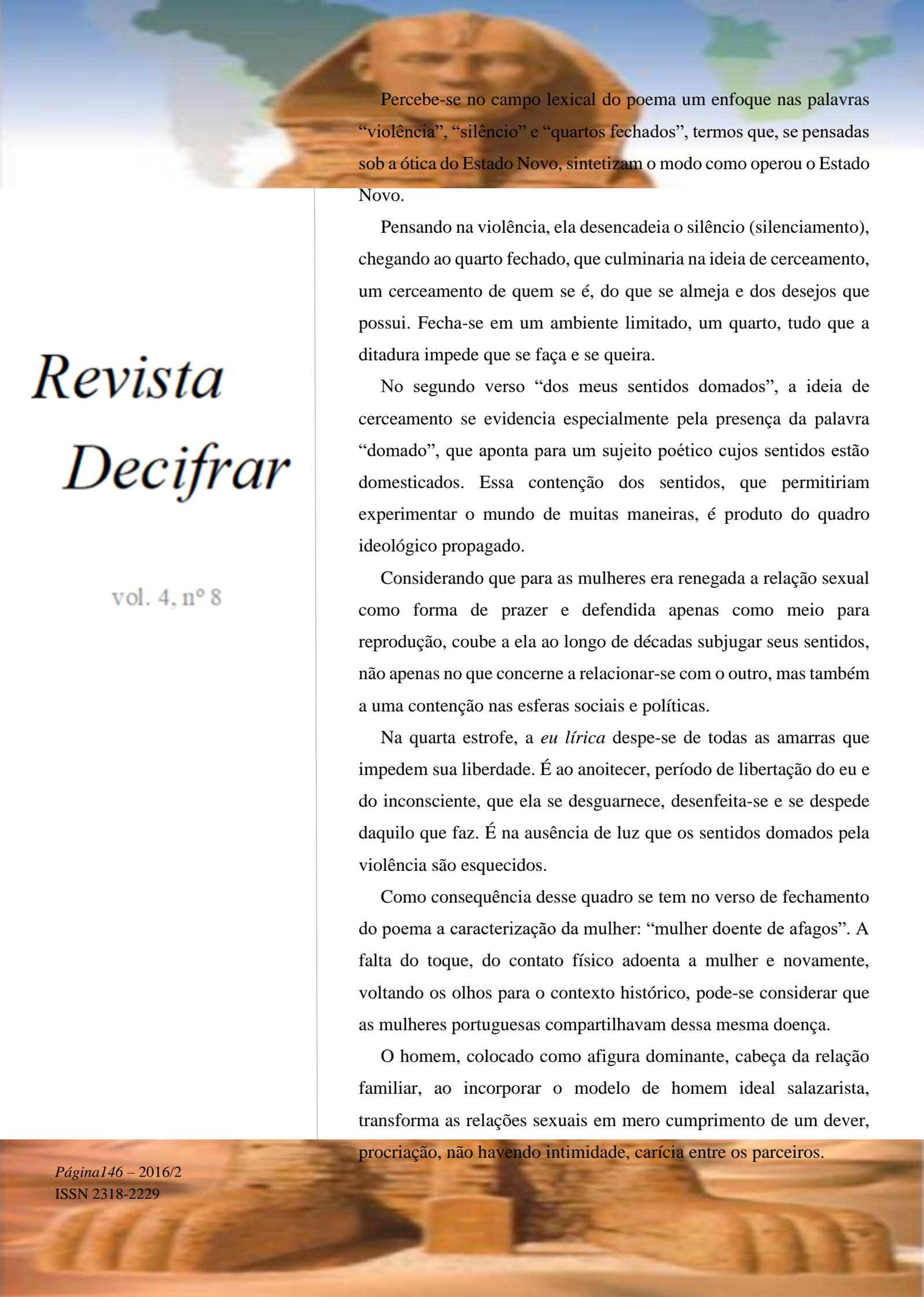
senhora de meu
silêncio
com tantos quartos fechados

Anoitece e desguarneço
despeço aquilo que
faço

Ó semelhança firmeza
mulher doente de afagos
(HORTA, 1974, p.29)

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Percebe-se no campo lexical do poema um enfoque nas palavras “violência”, “silêncio” e “quartos fechados”, termos que, se pensadas sob a ótica do Estado Novo, sintetizam o modo como operou o Estado Novo.

Pensando na violência, ela desencadeia o silêncio (silenciamento), chegando ao quarto fechado, que culminaria na ideia de cerceamento, um cerceamento de quem se é, do que se almeja e dos desejos que possui. Fecha-se em um ambiente limitado, um quarto, tudo que a ditadura impede que se faça e se queira.

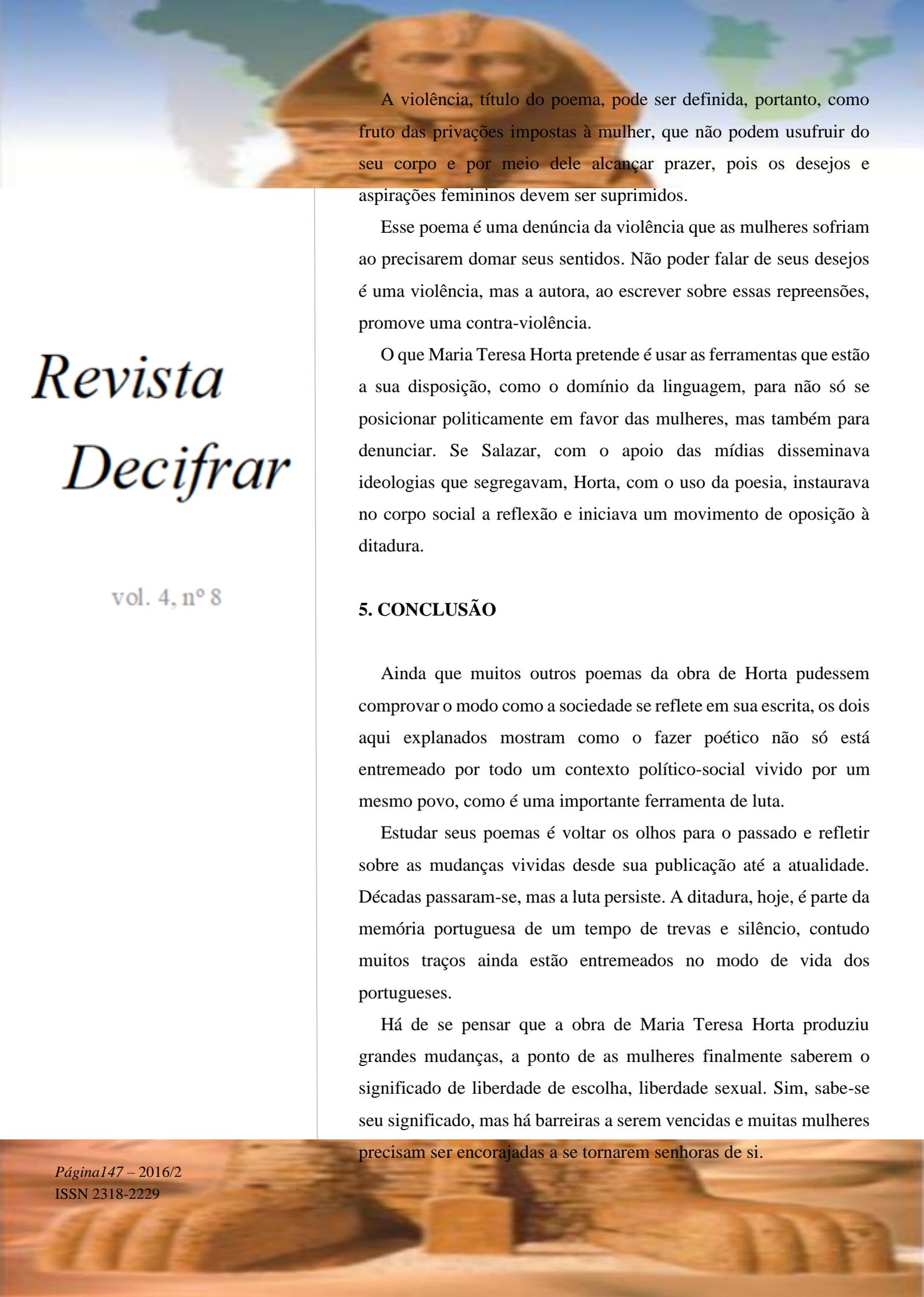
No segundo verso “dos meus sentidos domados”, a ideia de cerceamento se evidencia especialmente pela presença da palavra “domado”, que aponta para um sujeito poético cujos sentidos estão domesticados. Essa contenção dos sentidos, que permitiriam experimentar o mundo de muitas maneiras, é produto do quadro ideológico propagado.

Considerando que para as mulheres era renegada a relação sexual como forma de prazer e defendida apenas como meio para reprodução, coube a ela ao longo de décadas subjugar seus sentidos, não apenas no que concerne a relacionar-se com o outro, mas também a uma contenção nas esferas sociais e políticas.

Na quarta estrofe, a *eu lírica* despe-se de todas as amarras que impedem sua liberdade. É ao anoitecer, período de libertação do eu e do inconsciente, que ela se desguarnece, desenfeita-se e se despede daquilo que faz. É na ausência de luz que os sentidos domados pela violência são esquecidos.

Como consequência desse quadro se tem no verso de fechamento do poema a caracterização da mulher: “mulher doente de afagos”. A falta do toque, do contato físico adoenta a mulher e novamente, voltando os olhos para o contexto histórico, pode-se considerar que as mulheres portuguesas compartilhavam dessa mesma doença.

O homem, colocado como afigura dominante, cabeça da relação familiar, ao incorporar o modelo de homem ideal salazarista, transforma as relações sexuais em mero cumprimento de um dever, procriação, não havendo intimidade, carícia entre os parceiros.



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

A violência, título do poema, pode ser definida, portanto, como fruto das privações impostas à mulher, que não podem usufruir do seu corpo e por meio dele alcançar prazer, pois os desejos e aspirações femininos devem ser suprimidos.

Esse poema é uma denúncia da violência que as mulheres sofriam ao precisarem domar seus sentidos. Não poder falar de seus desejos é uma violência, mas a autora, ao escrever sobre essas repreensões, promove uma contra-violência.

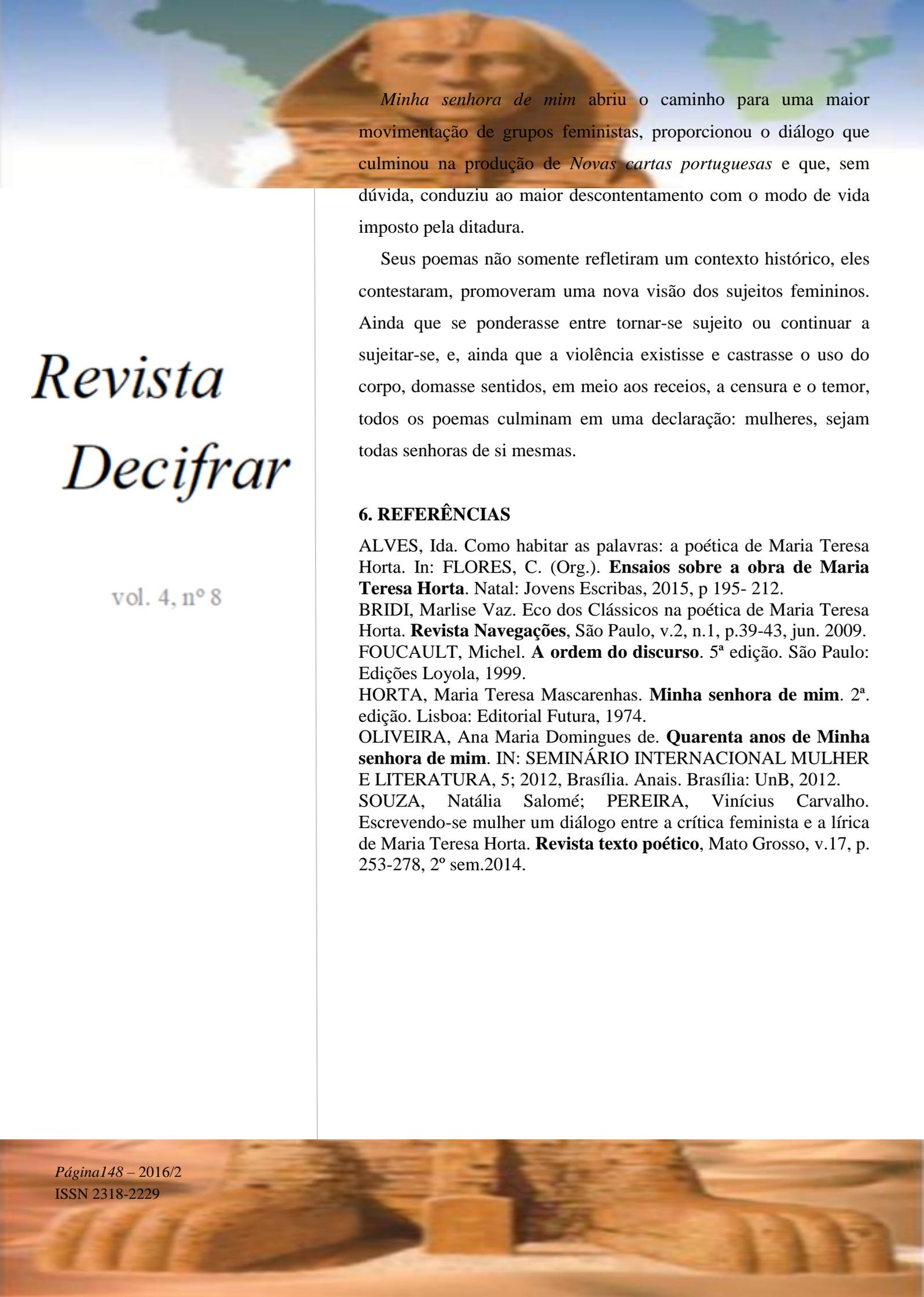
O que Maria Teresa Horta pretende é usar as ferramentas que estão a sua disposição, como o domínio da linguagem, para não só se posicionar politicamente em favor das mulheres, mas também para denunciar. Se Salazar, com o apoio das mídias disseminava ideologias que segregavam, Horta, com o uso da poesia, instaurava no corpo social a reflexão e iniciava um movimento de oposição à ditadura.

5. CONCLUSÃO

Ainda que muitos outros poemas da obra de Horta pudessem comprovar o modo como a sociedade se reflete em sua escrita, os dois aqui explanados mostram como o fazer poético não só está entremeado por todo um contexto político-social vivido por um mesmo povo, como é uma importante ferramenta de luta.

Estudar seus poemas é voltar os olhos para o passado e refletir sobre as mudanças vividas desde sua publicação até a atualidade. Décadas passaram-se, mas a luta persiste. A ditadura, hoje, é parte da memória portuguesa de um tempo de trevas e silêncio, contudo muitos traços ainda estão entremeados no modo de vida dos portugueses.

Há de se pensar que a obra de Maria Teresa Horta produziu grandes mudanças, a ponto de as mulheres finalmente saberem o significado de liberdade de escolha, liberdade sexual. Sim, sabe-se seu significado, mas há barreiras a serem vencidas e muitas mulheres precisam ser encorajadas a se tornarem senhoras de si.



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Minha senhora de mim abriu o caminho para uma maior movimentação de grupos feministas, proporcionou o diálogo que culminou na produção de *Novas cartas portuguesas* e que, sem dúvida, conduziu ao maior descontentamento com o modo de vida imposto pela ditadura.

Seus poemas não somente refletiram um contexto histórico, eles contestaram, promoveram uma nova visão dos sujeitos femininos. Ainda que se ponderasse entre tornar-se sujeito ou continuar a sujeitar-se, e, ainda que a violência existisse e castrasse o uso do corpo, domasse sentidos, em meio aos receios, a censura e o temor, todos os poemas culminam em uma declaração: mulheres, sejam todas senhoras de si mesmas.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Ida. Como habitar as palavras: a poética de Maria Teresa Horta. In: FLORES, C. (Org.). **Ensaio sobre a obra de Maria Teresa Horta**. Natal: Jovens Escribas, 2015, p 195- 212.

BRIDI, Marlise Vaz. Eco dos Clássicos na poética de Maria Teresa Horta. **Revista Navegações**, São Paulo, v.2, n.1, p.39-43, jun. 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HORTA, Maria Teresa Mascarenhas. **Minha senhora de mim**. 2ª edição. Lisboa: Editorial Futura, 1974.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. **Quarenta anos de Minha senhora de mim**. IN: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, 5; 2012, Brasília. Anais. Brasília: UnB, 2012.

SOUZA, Natália Salomé; PEREIRA, Vinícius Carvalho. Escrevendo-se mulher um diálogo entre a crítica feminista e a lírica de Maria Teresa Horta. **Revista texto poético**, Mato Grosso, v.17, p. 253-278, 2º sem.2014.